



Tecnologias sociais no acampamento José Lutzenberger- litoral paranaense *Social technologies in the camp José Lutzenberger- paranaense coast*

MORGAN, Lunamar Cristina; MOURÃO, Ananda Graf; MOURÃO, Rayen;
OSTERKAMP, Max Erick; FRANCISCO, Alan Marx; JUSTUS, Vinicius Britto;
FREITAS, Fatima Abigail Oliveira; ARAUJO, Keila Cassia Santos; LOPES, Paulo
Rogerio

Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, extensaoagroecologiaufpr@gmail.com

Eixo temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica

Resumo: O Projeto Tecnologias Sociais para promoção de segurança e soberania alimentar - troca de experiências e vivências no litoral paranaense, do curso Tecnologia em Agroecologia na Universidade Federal do Paraná Litoral em Matinhos Paraná (PR) tem como ações conhecer, identificar, selecionar, multiplicar, registrar, sistematizar e socializar tecnologias sociais da região litoral do Paraná. Uma das experiências de mapeamento, avaliação e sistematização foi iniciada no Acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) José Lutzenberger, localizado em Antonina/PR. Na vivência junto à comunidade teve-se a oportunidade de aprender e dialogar a respeito das tecnologias sociais, foram identificadas 12 destas tecnologias durante o diálogo de saberes, essencial à construção do conhecimento agroecológico. Reforçamos a importância dos saberes populares no processo de transição agroecológica e construção de sistemas produtivos resilientes, confiáveis, auto suficientes e produtivos.

Palavras-Chave: diálogo de saberes; tecnologias adaptadas; saber popular; agroecologia.

Keywords: knowledge exchange; adapted technologies; popular knowledge; agroecology.

Contexto

Camponesas e camponeses são criativos/as para engenhar soluções nos sistemas agroalimentares, como é o caso das tecnologias sociais (TS). Métodos, práticas, técnicas que trazem melhoria na qualidade de vida e podem ser replicadas em outros locais, com baixo custo, simplicidade e adaptabilidade. As tecnologias sociais são caracterizadas também pela capacidade de inclusão e transformação social, valorizando os saberes que derivam da cultura popular local e da adaptação dos povos em seus territórios.

O Projeto Tecnologias sociais para promoção de segurança e soberania alimentar - troca de experiências e vivências no litoral paranaense, do curso Tecnologia em Agroecologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR) Litoral em Matinhos Paraná (PR) visa conhecer, identificar, selecionar, multiplicar, registrar, sistematizar e socializar tecnologias sociais da região. O projeto contribui para o desenvolvimento dos sistemas de cultivo agroecológicos para autoconsumo e geração de renda, através de um processo participativo, dinâmico e coletivo. A construção da ciência e tecnologia vai além da geração de conhecimento. O que se pretende é proporcionar soluções para os problemas que as populações carentes vem sofrendo relacionados à fome, miséria, violência, etc. O principal objetivo do projeto é, portanto, garantir

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



através de tecnologias participativas, agroecológicas e inclusivas a segurança e soberania alimentar.

Uma das experiências de intercâmbio com vistas ao mapeamento e avaliação das TS ocorreu na Comunidade Rio Pequeno, no Acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) José Lutzenberger em Antonina, Litoral do Paraná, realizada no primeiro semestre de 2019. O diálogo de saberes contou com metodologias participativas, tais como o círculo de cultura de Paulo Freire, as fichas agroecológicas, a caminhada transversal, o diário de campo e os registros fotográficos. A sabedoria popular de cada agricultora e agricultor, que participou dessa primeira vivência, foi reconhecida nas suas engenhosidades para solução dos problemas locais, encontrados na trajetória do cultivo de seus alimentos. A produção no acampamento é 100% agroecológica, os alimentos são livres de veneno, e fertilizantes sintéticos e transgênicos, e são produzidos de forma a resgatar e valorizar a agrobiodiversidade, as sementes crioulas, a conservação da mata atlântica. Os camponeses e camponesas trabalham a partir dos seus conhecimentos tradicionais e dos conhecimentos científicos adquiridos no processo de transição agroecológica, colaborando com a construção de bases para a soberania e segurança alimentar. Produtos livres de agrotóxicos e cultivados com todos os princípios da Agroecologia são destinados ao autoconsumo, às feiras e escolas do litoral paranaense.

Dado o potencial agroecológico do acampamento e da participação essencial de cada agricultora e agricultor nesse processo, o projeto tem o objetivo de sistematizar as TS salientando a importância dos saberes e práticas tradicionais de manejo agroecológico.

Descrição da Experiência

O acampamento José Lutzenberger tem uma história de 15 anos na ocupação de terras que antes eram usadas pela pecuária com a criação de búfalos. A luta, a persistência, o conhecimento ecológico, e o amor pela natureza são valores visualizados na vivência junto aos seus e suas integrantes. O acampamento está situado numa região úmida, com banhados, cercada pelo Rio Pequeno que nasce de montanhas do município de Antonina-PR. Hoje o acampamento conta com agroflorestas, uma agrovila em construção e a força do trabalho coletivo da Associação Filhos da Terra, composta por pessoas responsáveis pela aquisição de alimentos da Rede Ecovida. Os alimentos produzidos na comunidade são distribuídos em escolas públicas do litoral, via programa nacional de alimentação escolar (PNAE), além da comercialização direta através de grupos de consumo consciente nas redes sociais e feiras. Porém, antes de se chegar neste nível elevado da transição e organização agroecológica, passaram por muitas dificuldades no processo inicial de ocupação da terra, que tinha anteriormente histórico de crime ambiental e exploração da mão de obra humana. Esses desafios fazem das agricultoras e agricultores do local vencedores de “batalhas” na luta pela reforma agrária popular. O solo foi frequentemente pisoteado pelos búfalos que antes eram criados na região, ainda predominavam junto as áreas degradadas, o uso da gramínea exótica (brachiaria),

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



usada na pecuária, que contribuiu para a compactação e o baixo nível de fertilidade para o cultivo de alimentos.

A área, que hoje é usada por aproximadamente 20 famílias, antes era utilizada por apenas uma família, donos da fazenda, os quais se opuseram violentamente ao MST. Essa história pode ser melhor visualizada acessando no canal de vídeos youtube, o documentário Agrofloresta é mais.

Atualmente uma das pontes entre UFPR e o acampamento é o projeto de tecnologias sociais, que resgata o quanto de saberes populares foram utilizados, adaptados e construídos a partir da demanda e realidade local. A história mostra a geração de maior biodiversidade, abundância de alimentos, vida, cultura e prosperidade aliada à conservação dos recursos naturais. Na vivência junto à comunidade houve oportunidade de aprender e dialogar a respeito das tecnologias sociais. Foram identificadas várias “engenhosidades” que solucionam problemas básicos, potencializando os cultivos agroecológicos.

O primeiro momento foi de troca de experiências. Uma roda de conversa para falar da ideia do projeto e então seguir com as caminhadas transversais, tendo os cadernos de campo e câmeras fotográficas em mãos. Trata-se de uma caminhada linear, que percorre um espaço geográfico com várias áreas de uso e recursos diferentes. Ao longo da caminhada se anotam todos os aspectos que surgem pela observação dos participantes em cada uma das diferentes zonas que se cruzam. (VERDEJO, 2006).

Essa vivência trouxe uma riqueza de materiais a serem sistematizados e socializados, acerca das tecnologias sociais desenvolvidas pelas moradoras e moradores do local. Foram visitadas três famílias, que moram há menos de dois anos no local, e estão em processo de reconhecimento, enraizamento e adaptação ao clima úmido de Antonina. Na primeira casa pudemos anotar em nosso caderno de campo várias informações de “engenhocas” que estão sendo utilizadas a fim de iniciar a agrofloresta. Fizemos uma caminhada transversal guiada pelo casal que chegou há seis meses no acampamento. O cultivo de hortaliças já foi iniciado. Estão produzindo em casa o substrato que usam nas bandejas, fazendo da brachiaria (que é um dos problemas) a cobertura de solo, depois de processá-la exaustivamente no triturador de jardim reduzindo-a a pequenos pedaços, com o menor tamanho possível. Nas entrelinhas do berçário de bananeira, estão plantando as hortaliças e ervas medicinais que vão comercializar. Uma das técnicas utilizadas para organizar os cultivos é o calendário biodinâmico. Para pescaria, replicaram o “couvo”, uma armadilha para peixe, feita com cano de água e tela. A demanda principal que o casal apontou foi a de construir um viveiro na comunidade a fim de aumentar a autonomia para seus sistemas agroalimentares.

A segunda visita foi a um casal que chegou há um ano no local e, no primeiro semestre de 2019, estava finalizando a sua morada. A terra em que estão era cultivada por uma moradora antiga. Por isso, já está com um pomar plantado, com goiabeiras e cítricos, mas que devido à falta de manejo estavam com problemas de insetos e fungos. A partir de conhecimentos de ecologia e manejo, o casal está controlando com podas a



fim de restaurar a saúde dessas frutíferas. Um dos objetivos é criar peixe tilápia para comercializar. Para isso estão construindo um tanque para os alevinos dentro da valeta de dreno. A ideia é usar uma tela na ponte de pneus para cercar os filhotes de peixe.

Foi feito um almoço com alimentos do acampamento, “recheado” da ecologia de saberes, aprendendo como preparar pratos a partir da diversidade local como folha de taioba refogada e palmito de pupunha assado.

Após o almoço uma divertida e rica caminhada transversal feita pela roça e a agrofloresta de uma família vinda do sul do Paraná, caboclos conhecedores da mata e do cultivo de alimento. Fomos guiados pelo pai e filho, que identificaram suas soluções e descobertas. Uma delas era o consórcio entre ingá e bananeira, que, pela viçozidade dos cachos de banana, assim como as folhas de cor viva, se viam ao longe (Figura 1). Outra, o consórcio de mandioca com mucuna, cuja colheita tem sido de raízes saudáveis e de bom porte. Um dos problemas recorrentes relatados, é a agressividade da brachiaria. Essa família encontrou várias soluções de controle: o uso da mucuna; linhas de capim cercando a roça; o lírio do brejo nas bordas da agrofloresta e que também é usado como matéria orgânica.



Figura 1. Consórcio de ingá e bananeira.

As caminhadas transversais foram sendo construídas com diálogo, que permitiu a troca de experiências entre conhecimento acadêmico e popular, a valorização dos saberes tradicionais, a identificação da biodiversidade local e o reconhecimento da luta pela reforma agrária, bandeira que carregam as pessoas do acampamento José Lutzenberger.



Todas as informações foram registradas no caderno de campo, que serve de suporte para o processo de sistematização, assim como o uso dos registros fotográficos. Todas as tecnologias sociais identificadas acima são parte da reconstrução da diversidade que hoje pode ser vista no acampamento. Elas integram a capacidade de produção de alimento. Percebe-se, portanto, que o uso destas tecnologias compõe um passo importantíssimo na construção da agroecologia e na democratização dos sistemas agroalimentares, visto aqui, como conhecimento cultural do povo, que faz de seus problemas, oportunidades para elaborar soluções apropriadas ao seu território. A isso estamos chamando de arte popular.

Resultados

Essa experiência traz um aprendizado essencial no trabalho da agroecologia. O de enfatizar e praticar diálogo de saberes entre academia e saber popular. O respeito ao conhecimento das camponesas e camponeses, assim como o pensamento sistêmico das e dos estudantes, foram fundamentais para a identificação das 12 tecnologias sociais citadas no relato, o principal objetivo deste trabalho. Essa sistematização está sendo realizada através de Fichas Agroecológicas, em que constam: o nome da TS, seu conceito; porque/para que (vantagens); como fazer; região observada; dicas e curiosidades. Nas fichas é dado ênfase pedagógica, com desenhos ilustrativos ou fotos nítidas, para melhor visualização.

Agradecimentos

Às agricultoras e aos agricultores do Acampamento José Lutzenberger, por seu trabalho incansável de regeneração e manutenção da vida, assim como por disponibilizar para a sociedade alimentos saudáveis, novas formas de se relacionar com a natureza e um processo permanente de busca pelo bem viver. À natureza pela divina biodiversidade que rega o litoral paranaense.

Referências bibliográficas

Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP/ por Miguel Exposito Verdejo, revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. - Brasília: MDA/ Secretaria da Agricultura Familiar, 2006, 62 p.

VÍDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ. **Agrofloresta é mais** (2018). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HN_E0kJj_eo . Acesso em: 18 ago. 2019.